

História

Eternamente Clarice

História de: [Angelo Brás Callou](#)

Autor: [Angelo Brás Callou](#)

Publicado em: 02/12/2021

Sinopse

Crônica comemorativa dos 100 anos de Clarice Lispector.

Tags

- [crônica](#)
- [centenário Clarice Lispector](#)

História completa

ETERNAMENTE CLARICE

(Para Rosa Maria)

Por Angelo Brás Fernandes Callou

Clarice Lispector tem uma frase que devo muito a ela: “é que eu gosto de ver as pessoas sendo.” Está no livro *Uma aprendizagem* ou o livro dos prazeres.

Como uma espécie de mantra, essa frase me acompanha desde quando comecei a ter mais contato com a literatura dessa ucraniana-recifense-carioca-brasileira, a partir dos anos 1980. Observar as pessoas sendo é um ato humano. Mas as sutilezas do estar sendo, muitas vezes, exigem refinamento na percepção do observador, pois nem tudo é dado a ver, tal como o conceito de *punctum*, de Roland Barthes, em relação à imagem fotográfica, em *A câmara clara*. Isto é, há um interesse subjetivo, diz ele, que se impõe no ato de olhar uma fotografia.

Pierre Bourdieu era também um observador atento das pessoas sendo, característica revelada em *Esboço para uma auto-análise*. A despeito das questões éticas aí envolvidas, faz um mea culpa no auge de sua maturidade intelectual, pois aceitou muitas vezes convites para festas e jantares, meramente com o intuito de observar as pessoas, consideradas por ele como agentes sociais.

Não há como não lembrar também de Clarice Lispector ao ler o extraordinário *O homem na multidão*, de Edgar Allan Poe. De impulso, o protagonista do conto rapidamente se agasalha, ao ver passar, de sua janela, um senhor idoso desconhecido, para segui-lo durante horas pelas ruas da cidade, observando todos os seus movimentos e atitudes, sem que ele se aperceba.

A literatura clariciana nos ensina a refinar nossa percepção sobre a condição humana, sempre à beira do abismo, ou, talvez, já nas suas profundezas. Não à toa a obra de Clarice Lispector tem despertado, ao longo dos anos, interesse entre os psicanalistas.

Ao ler Clarice, não foram poucas às vezes em que a chamei, carinhosamente, de bruxa, louca, vidente, sensitiva, e ficava a me perguntar como é possível ter tamanha compreensão da condição humana, em verdadeiras filigranas, que sua literatura evoca. Com delicadeza, vai modulando-demodulando a nossa existência, às vezes nominando o inominável, como o cheiro de peixe fresco, numa passagem de *O livro dos prazeres*. Ou o estar sendo, lírico, ingênuo, simples, esperançoso, de Macabéa, em *A hora da estrela*; ou, ainda, o silêncio-solidão da velhinha, na cabeceira da mesa, na comemoração dos seus 89 anos, no conto *Feliz aniversário*.

Clarice faz 100 anos. Está viva em todos os seus leitores. Sem ela, como posso compreender, em plena pandemia, o revigorante aroma de maresia que entra pela minha janela agora?

(Praia do Pina, Recife, outubro de 2020)